Língua e Linguagem I

Prof.ª Daniela Florão – Linguagens – 10.03.2023

– Variação linguística: Leitura do capítulo “Texto, linguagem e comunicação” (concluindo a reflexão com a leitura do item “Variação linguística”).

– Língua formal x Informal

Variantes da língua, diferentes formas de comunicação, conforme o contexto comunicativo;

A gente tá estudando demaaaaaais!

Nós estamos estudando bastante.

Norma culta, gírias, neologismos, expressões regionais/populares... o que é permitido? Qual é o uso? Em qual contexto comunicativo?

– Teoria da comunicação e função da linguagem

Teoria da comunicação:

- conjunto de ideias que buscam entender e explicar as ações humanas;
- ramo de estudo da Comunicação Social, vinculado às áreas da filosofia, psicologia, linguística, sociologia e antropologia.
- análise do desenvolvimento e da atuação da comunicação pelos aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos, tecnológicos;
- diferentes escolas: canadense, francesa, alemã, inglesa...

Função da linguagem:

Estudo das diferentes formas de utilização da linguagem para que a comunicação seja estabelecida.

Referencial ou denotativa – foco no contexto comunicativo

Informação

Objetividade e clareza

Concretude

Impessoalidade

Artigos científicos, notícias, documentos, textos técnicos

Emotiva ou expressiva – foco no emissor

Transmissão de sentimentos, emoções

Subjetividade

Pontuação

1ª pessoa

Música, autobiografia, memórias, entrevistas

Conativa ou apelativa – foco no receptor

Influência, persuasão, apelação

Uso do imperativo

Vocativo

Pontuação

Peças publicitárias, propagandas, discursos políticos, discursos religiosos

Poética – foco na mensagem

Formalidade, ritmo, sonoridade

Beleza, seleção, elaboração e estruturação

Figuras de linguagem

Obras literárias, música, peças publicitárias

Fática – foco no canal

Estabelecimento e manutenção do canal comunicativo

Frases interrogativas

Onomatopeia

Conversas, saudações

Metalinguística – foco no código

O código explica o código

Explicação

Gramáticas, dicionários

(Enem 2017)

Pela primeira vez na vida teve pena de haver tantos assuntos no mundo que não compreendia e esmoreceu. Mas uma mosca fez um ângulo reto no ar, depois outro, além disso, os seis anos são uma idade de muitas coisas pela primeira vez, mais do que uma por dia e, por isso, logo depois, arribou. Os assuntos que não compreendia eram uma espécie de tontura, mas o Ilídio era forte.

Se calhar estava a falar de tratar da cabra: nunca esqueças de tratar da cabra. O Ilídio não gostava que a mãe o mandasse tratar da cabra. Se estava ocupado a contar uma história a um guarda-chuva, não queria ser interrompido. Às vezes, a mãe escolhia os piores momentos para chamá-lo, ele podia estar a contemplar um segredo, por isso, assustava-se e, depois, irritava-se. Às vezes, fazia birras no meio da rua. A mãe envergonhava-se e, mais tarde, em casa, dizia que as pessoas da vila nunca tinham visto um menino tão velhaco. O Ilídio ficava enxofrado, mas lembrava-se dos homens que lhe chamavam reguila, diziam ah, reguila de má raça. Com essa memória, recuperava o orgulho. Era reguila, não era velhaco. Essa certeza dava-lhe forças para protestar mais, para gritar até, se lhe apetecesse.

PEIXOTO, J. L. Livro. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

No texto, observa-se o uso característico do português de Portugal, marcadamente diferente do uso do português do Brasil. O trecho que confirma essa afirmação é:

a) “Pela primeira vez na vida teve pena de haver tantos assuntos no mundo que não compreendia e esmoreceu.”

b) “Os assuntos que não compreendia eram uma espécie de tontura, mas o Ilídio era forte.”

c) “Essa certeza dava-lhe forças para protestar mais, para gritar até, se lhe apetecesse.”

d) “Se calhar estava a falar de tratar da cabra: nunca esqueças de tratar a cabra.”

e) “O Ilídio não gostava que a mãe o mandasse tratar a cabra.”

(Enem 2016)

Nuances

Euforia: alegria barulhenta. Felicidade: alegria silenciosa.

Gravar: quando o ator é de televisão. Filmar: quando ele quer deixar claro que não é de televisão.

Grávida: em qualquer ocasião. Gestante: em filas e assentos preferenciais.

Guardar: na gaveta. Salvar: no computador. Salvaguardar: no Exército.

Menta: no sorvete, na bala ou no xarope. Hortelã: na horta ou no suco de abacaxi.

Peça: quando você vai assistir. Espetáculo: quando você está em cartaz com ele.

DUVIVIER, G. Folha de S. Paulo, 24 mar. 2014 (adaptado).

O texto trata da diferença de sentido entre vocábulos muito próximos. Essa diferença é apresentada considerando-se a(s)

a) alternâncias na sonoridade.

b) adequação às situações de uso.

c) marcação flexível das palavras.

d) grafia da norma padrão da língua.

e) categorias gramaticais das palavras.

(Enem 2015)

Ai se sêsse

Se um dia nois se gostasse

Se um dia nois se queresse

Se nois dois se empareasse

Se juntim nois dois vivesse

Se juntim nois dois morasse

Se juntim nois dois drumisse

Se juntim nois dois morresse

Se pro céu nois assubisse

Mas porém se acontecesse

De São Pedro não abrisse

A porta do céu e fosse

Te dizer qualquer tulice

E se eu me arriminasse

E tu cum eu insistisse

Pra que eu me arresolvesse

E a minha faca puxasse

E o bucho do céu furasse

Tarvês que nois dois ficasse

Tarvês que nois dois caísse

E o céu furado arriasse

E as virgi toda fugisse

ZÉ DA LUZ. Cordel do Fogo Encantado. Recife: Álbum de estúdio, 2001.

O poema foi construído com formas do português não padrão, tais como “juntim”, “nois”, “tarvês”. Essas formas legitimam-se na construção do texto, pois

a) revelam o bom humor do eu lírico do poema.

b) estão presentes na língua e na identidade popular.

c) revelam as escolhas de um poeta não escolarizado.

d) tornam a leitura fácil de entender para a maioria dos brasileiros.

e) compõem um conjunto de estruturas linguísticas inovadoras.

(Enem 2015)

Assum preto

Tudo em vorta é só beleza

Sol de abril e a mata em frô

Mas assum preto, cego dos óio

Num vendo a luz, ai, canta de dor

Tarvez por ignorança

Ou mardade das pió

Furaro os óio do assum preto

Pra ele assim, ai, cantá mió

Assum preto veve sorto

Mas num pode avuá

Mil veiz a sina de uma gaiola

Desde que o céu, ai, pudesse oiá

GONZAGA, L.; TEIXEIRA, H. Disponível em: www.luizgonzaga.mus.br. Acesso em: 30 jul. 2012 (fragmento).

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de “Assum preto” resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra a

a) pronúncia das palavras “vorta” e “veve”.

b) pronúncia das palavras “tarvez” e “sorto”.

c) flexão verbal encontrada em “furaro” e “cantá”.

d) redundância nas expressões “cego dos óio” e “mata em frô”.

e) pronúncia das palavras “ignorança” e “avuá”.

(Enem 2014)

Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bemsucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma da língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo do dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo do dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo do dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colunistas.

POSSENTI, S. Gramática na cabeça. Língua Portuguesa, ano 5, n. 67, maio 2011 (adaptado).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único "português correto". Assim sendo, o domínio da língua portuguesa implica, entre outras coisas, saber

a) descartar as marcas de informalidade do texto.

b) reservar o emprego da norma padrão aos textos de circulação ampla.

c) moldar a norma padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.

d) adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.

e) desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

(Enem 2013)

Dúvida

Dois compadres viajavam de carro por uma estrada de fazenda quando um bicho cruzou a frente do carro. Um dos compadres falou:

— Passou um largato ali!

O outro perguntou: — Lagarto ou largato?

O primeiro respondeu: — Num sei não, o bicho passou muito rápido.

Piadas coloridas. Rio de Janeiro: Gênero, 2006.

Na piada, a quebra de expectativa contribui para produzir o efeito de humor. Esse efeito ocorre porque um dos personagens

a) reconhece a espécie do animal avistado.

b) tem dúvida sobre a pronúncia do nome do réptil.

c) desconsidera o conteúdo linguístico da pergunta.

d) constata o fato de um bicho cruzar a frente do carro.

e) apresenta duas possibilidades de sentido para a mesma palavra.

(Enem 2012)

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo “ter” no lugar

de “haver”, como em “hoje tem feijoada”, é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo “ter”.

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo “ter” como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores.

Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para “errar” na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.

b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.

c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.

d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.

e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.